

Projeto Freudiano

MEMBROS DOCENTES

Alba Abreu Lima – albagermana@bol.com.br

Heloisa Andrade Prudente – heloisaprudente@hotmail.com

Katarina Aragão – katarinak1110@hotmail.com

Márcia Regina Polido – marpolido@uol.com.br

Roseli Rodella de Oliveira – rrodella@gmail.com

Tereza Cristina Rollemberg – terezarollemberg@ig.com.br

MEMBROS

Ana Claudia Silveira - acvs78@globo.com

Daniela Ribeiro Sobral – danielasobral@superig.com.br

Fabíola de Almeida Dias Alves – fadalves@bol.com.br

Hortência Alves Melo – hortalves@hotmail.com

Júlio César Hoenisch – julio.hoenisch@gmail.com

Laize Souza Barreto – laizesb@uol.com.br

Carla Cristina Storino – ccstorino@gmail.com (Licenciada)

Estamos comemorando, nessa edição, os 20 anos do Projeto Freudiano, instituição de ensino e pesquisa em psicanálise, a partir das obras de Freud e Lacan.

Consideramos a psicanálise um saber que não se aprende como as demais disciplinas, porque implica no desejo de exposição do saber inconsciente e sua transmissão – nesse sentido os mestres são ensinantes e alunos são mestres; verificação da práxis analítica aos pares para que o praticante não transforme sua prática num ‘delírio à dois’ (expressão lacaniana); supervisão com colega sobre os casos atendidos com o fim de verificar avanços e impasses no tratamento; e, fundamentalmente, a análise do analista. Por isso, quando em outubro de 1988, o Projeto Freudiano foi fundado, seus alicerces se constituíam basicamente de nossa relação com a causa analítica e a premente necessidade de uma associação que garantisse a interlocução com a pólis.

Desde 1984, quando participávamos da formação permanente em Clínica Freudiana (Salvador), recebíamos pedidos de orientação e de uma formação em psicanálise em Sergipe. Começamos nesta data a trabalhar em pequenos grupos de estudos, tomando como tema os famosos “Escritos técnicos de Freud” até que, com o crescimento dos pedidos e o amadurecimento de cada um em sua análise e na pesquisa - em 1988 já orientávamos três grupos de quatro integrantes cada um - propusemos formalizar a instituição para abrigar melhor as atividades teóricas e clínicas e responder a demanda dos que ainda nos procuravam.

Para citar alguns dos nomes que fizeram parte dessa história singular, lembraremos aqui o primeiro grupo que se formou demandando orientação: Roseli Rodella, Selma Araújo e Fátima Sabino.

O compromisso dos que quiseram se comprometer com a formação psicanalítica foi assinado em nossa Ata de Fundação, registrada em 10 de outubro de 1988, deixando aos demais a opção de seguirem assistindo e participando das atividades que a partir de então ofereceríamos em conjunto com o Campo Freudiano, nossa

intersecção internacional na época.

Muitos nomes foram cogitados para nomear a associação e a escolha pelo Projeto Freudiano tem a ver com o escrito de Freud de 1895, “Projeto para uma Psicologia Científica”, publicado postumamente em 1950.

O “Projeto para uma Psicologia Científica” começou a ser rascunhado por Freud no trem que o levava de Berlim a Viena após uma visita ao amigo Fliess e foi esquecido durante 42 anos. Foi retomado das mãos de Marie Bonaparte, que o salvou da Gestapo, mas apenas com o intuito de destruí-lo, embora várias idéias contidas nesse texto apareçam em toda sua obra. Garcia-Roza¹ considera o estatuto do Projeto ao de um “diário íntimo: importante para o autor mas, inexistente e, portanto, inócuo para as demais pessoas, até ser publicado”. Freud escreve o Projeto na tradição da filosofia alemã, embora sua formação intelectual ocorrida numa atmosfera cientificista e positivista do meio universitário alemão do século XIX.

Para nós, escolher nomear nossa instituição como Projeto Freudiano tinha o duplo significado de homenagear o pai da psicanálise e, ao mesmo tempo, evidenciar a formação analítica como algo a ser sempre construído, inacabado. O trabalho é sempre muito intenso, absorvente e exige muito de cada um, porém, persiste nesses 20 anos de existência tal como poderemos ler nos excelentes artigos dessa edição!

O Projeto Freudiano sempre esteve associado à Escola de Lacan como princípio da formação do analista com os seus dispositivos e ultrapassando os limites da associação para o debate com os discursos da contemporaneidade. Nossa inserção internacional atual se dá pela pertinência dos membros do Projeto Freudiano à Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano / Internacional dos Fóruns, um a um, como requer a psicanálise.

Alto Abreu Lima

¹ Garcia-Roza, Luiz Alfredo. Introdução à Metapsicologia Freudiana. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

CONTRIBUIÇÕES DA ESCUTA PSICANALÍTICA NA UTI NEONATAL

DANIELA SOBRAL – MEMBRO DO PROJETO FREUDIANO E DA EPFCL

danielasobral@superig.com.br

“Na cena clínica tomamos o bebê como enigma e sua produção como uma apresentação do texto hieroglífico que dá a ver de modo enigmático a marca que o discurso do Outro escreveu como letra em sua carne”. (Julieta Jerusalinsky 2002 p.193)

A psicanálise por essência, trabalha com a fala e sendo o bebê ainda não falante, esta prática a priori parece inadequada, caso a tomemos na sua literalidade. Porém, a psicanálise não é só fala, é também escuta e, neste sentido, a clínica com bebês faz-se possível. Assim como na clínica com criança trabalhamos a “escuta” de seus desenhos e do seu brincar, com adultos escutamos o inconsciente que se apresenta na fala, e com bebês trabalhamos a leitura das inscrições do Outro em seu corpo. É esta particularidade que justifica esta prática.

O nascimento de uma criança acarreta grandes transformações na dinâmica de sua família, visto que a criança impõe outro ritmo de vida. Quando a criança requer cuidados especiais, como no caso de ter necessidade de UTI neonatal, essa modificação, inerente ao nascimento, toma uma dimensão ainda maior. Isto porque, após o parto, a mãe tem que se dar conta de que o bebê não é só outra pessoa, mas também de que precisa elaborar a perda do bebê da fantasia e entrar em contato com o bebê real. Logo, essa tarefa torna-se difícil quando a criança nasce com algum tipo de problema de saúde e requer cuidados especiais. Mathelin (1997, p. 140) ilustra este sentimento materno com extrema clareza: “[...] a criança falicizada não é geralmente a da incubadora, mas uma criança imaginária que não tem nada a ver com aquela ali, infeliz e sofredora”. Essa idealização fez parte do percurso de espera durante a gravidez.

A referida autora afirma que, comumente, diante do bebê doente, a mãe muitas vezes entra em “pane de desejo”, não pode mais se reconhecer como mãe. Justamente neste vazio, presentificado pelo silêncio, é que a psicanálise pode se somar à medicina. Isto porque, frente ao traumatismo desse encontro com o real, uma simbolização deve ser possível para que os pais continuem imaginar esta criança como sua, e não como objeto da medicina. É esta ligação entre palavra e corpo que o psicólogo de orientação analítica vem questionar numa unidade de terapia intensiva neonatal.

O papel do psicólogo de orientação psicanalítica, na UTIN, é escutar a mensagem oculta em cada história para tornar possível uma comunicação entre o bebê e seus pais. A partir daí, o bebê saberá do que sente,

porque assim será nomeado pela mãe. Lacan vai chamar a mãe, o lugar que ela ocupa, de Outro. As demandas são endereçadas ao Outro, que é também o lugar do código lingüístico. Importante é que, a partir da demanda por parte do bebê, a mãe lhe possa oferecer o seio, o sorriso, o olhar. Assim, ela também demanda ao bebê que responda ao seu desejo, dentro de um circuito pulsional e de uma linguagem que lhe é antecipada.

O psicólogo, dia após dia, vai pontuando a importância das presenças materna e paterna, convidando os pais ou mesmo autorizando-os a projetar-se sobre a criança, possibilitando assim a simbolização da angústia gerada pelo encontro com o bebê real para que, aos poucos, a partir dos encontros e desencontros, permitam-se “fabricar” seu bebê, pois desse modo o bebê terá a oportunidade de “fabricar” seus pais. O psicólogo deve ainda encorajar os pais a falarem sobre seus medos e fantasias diante de um bebê doente, que longe de ser a criança imaginada de que falava Freud em ‘sua majestade o bebê’, representa uma ferida narcísica que, muitas vezes, impede os pais de se reconhecerem nela.

Assim, o trabalho analítico com os pais é sempre um trabalho de luto e, somente quando os pais podem simbolizar o bebê doente, dando-lhe um lugar na sua história, é que se torna possível esta vida.

“face ao traumatismo desse encontro com o real, uma simbolização deve ser possível para que os pais continuem a imaginar esta criança, para que ela não se torne para eles um pedaço de carne a reanimar, objeto da medicina, mas que permaneça uma criança – sua criança”, (MATHELIN, 1997, p.131)

Nesta prática singular, percebemos algumas dificuldades no que tange à interlocução do saber médico e do saber psicanalítico. Enquanto o primeiro visa salvar a vida a todo custo furor curandi sem verificar o lugar desse bebê na família, a ética da psicanálise busca tornar consciente o desejo e investimento ou não na vida desse bebê.

Desse modo, delimita-se a definição e a certeza dos papéis institucionalizados – o saber médico e o saber da psicanálise (inconsciente).

Essa interface acontece por meio de um trabalho que permite pensar as possibilidades e limites da escuta psicanalítica na instituição hospitalar, pois só a partir destes questionamentos poderemos retomar diversas reflexões sobre a possibilidade de escuta do conflito

vivenciado pelos pais e bebês usuários das UTINs.

Um primeiro ponto a ser ressaltado refere-se à necessidade de criação de um espaço que permita tentar acolher as questões colocadas, afim de que seja possível encontrar algumas respostas para os problemas vividos pelos pais, bebês e equipe técnica e, principalmente, poder estabelecer, na prática, uma saída para as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos nessas instituições.

A psicanálise é a possibilidade de um tratamento pela via do desejo, através dessa intervenção é possível o sujeito trilhar o caminho que parte da dor de existir indo à direção da alegria de viver. É preciso ser desejado para sobreviver!

Referências Bibliográficas

CATÃO, Inês. **Adoção pela palavra. A mente do bebê: fascinante processo de formação do cérebro e da personalidade – interatividade e criação de vínculos sociais.** Vol. 4, s.d, p. 42-47.

FREUD, Sigmund (1950 [1895]). **A experiência da satisfação.** In: edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem.** Salvador. Àlgama, 2002.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

MATHELIN, Catherine. **Prática analítica em neonatologia.** Wanderley, Daniele de Brito (org). Palavras em torno do berço: intervenções precoces bebê e família. 2 ed. Salvador: Álgama, 1997.

O SUJEITO E A ILUSÃO DO LIVRE ARBÍTRIO

HELOISA PRUDENTE – MEMBRO DOCENTE DO PROJETO FREUDIANO E DA EPFCL

heloisaprudente@hotmail.com

Como sujeitos, somos formados frente às demandas da cultura, da sociedade e da família. Este texto visa trabalhar, especificamente, a influência da família na formação do sujeito.

A família na teoria de Freud e Lacan

Acreditamos que é no seio da família onde mais exercitamos o viver sem máscaras e, por isso mesmo, onde a “verdade” se expõe um pouco mais. Porém, como pode assim acontecer se é no seio dela que aprendemos a demandar e a ter desejos, que vamos, a partir do Outro, nos constituir como sujeito? Se é pelo Outro que nos constituímos, a tentativa é nos tornarmos o que imaginamos sobre o desejo do Outro.

A família, para Freud, lida com a proibição, a interdição do gozo incestuoso. Por essa via, ela transmite idéias, identificações sexuais e o elemento significante, o falo, que permite ao sujeito se posicionar como sexuado. Então, a família transmite algo não só da ordem significante, mas também da ordem de uma proibição e de uma satisfação, ainda que proibida. Assim, surge, entre proibição e satisfação, a família freudiana.

Freud chama de “Romance familiar” (1909)¹ a maneira como cada sujeito interpreta a fórmula pai, mãe e criança; como escreve sua própria história nessa trama e como entende essa posição subjetiva resultante da significação do parentesco.

A família lacaniana é uma instituição cuja função

primordial é transmitir a castração que tem o efeito da linguagem. É pela linguagem que o sujeito articula o saber. Então, o Édipo, para Lacan, é a própria linguagem. E quem é o operador dessa transmissão? O Nome-do-Pai, com a missão de introduzir a relação entre o significante e o significado, criando, a partir daí, uma linguagem própria, chamada de alíngua.

Lacan nos ensinou que pai e mãe são, antes de tudo, duas funções simbólicas, o que quer dizer que não se restringem apenas às presenças físicas, e sim a algo que se transmite inconscientemente de uma a outra geração.

Sabemos que, para que o Nome-do-Pai exerça sua função, é preciso que o pai não confunda mãe e mulher, para que faça da mulher e não da mãe, aquilo que causa seu desejo. É, pois, na relação pai-mulher, como nos diz Lacan no Seminário RSI², que podemos observar a autoridade paterna, o amor e o respeito filial.

Restça o mal-entendido que é a própria alíngua familiar a qual vai operar no sujeito. Por isso é que há uma linguagem particular para cada sujeito deduzida do modo como compreendeu os ditos familiares. Uma desarmonia inerente que vai estar sempre presente e que terá uma tradução singular para cada um.

O sujeito em análise

Alba A. Lima, em *Psicologia Jurídica: Lugar de palavras ausentes* (2007)³ afirma que quando um sujeito procura uma análise é para falar sobre a forma particular de gozo

1 FREUD, Sigmund. *Romances familiares.* Obras Psicológicas Completas. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., vol.IX.

2 LACAN, Jacques. *Seminário, livro 22: R.S.I.* Não publicado.

3 ABREU LIMA, Alba. *Psicologia Jurídica: Lugar de Palavras Ausentes.* Aracaju: Evocati, 2007.

que foi transmitida pelos seus pais. Cada sujeito vai ter que se haver com o lugar em que se colocou na realidade fantasista dessa família, com a ficção, com a historinha que ele mesmo criou para aí se sustentar e com as maneiras sintomáticas que construiu para entender essa linguagem familiar. Ele vai falar, desde o início e sempre, de seus laços familiares, de seus sofrimentos ali concentrados e do modo de funcionamento particular inerente a cada modelo de relação.

Podemos pensar, assim, que uma análise implica destituição dos ideais paternos, um atravessamento dos ideais para que o sujeito possa ir se defrontando com o desejo inconsciente. É um processo em que as ficções familiares vão caindo para desvelar a fantasia, portanto, o saber sobre o desejo singular do sujeito.

A psicanálise trabalha com a transmissão daquilo que é familiar e não é somente biológico, busca a marca que o sujeito vai tomar como diretriz na vida, a qual condiciona seu desejo e gozo e que é atravessado pela lei da castração.

Casos Clínicos

Vejamos, agora, recortes de três casos clínicos nos quais o assujeitamento do sujeito a essa linguagem familiar fica exposto.

1- Carla é uma fonoaudióloga carioca que chega bastante fragilizada, envolta nas questões da maternagem. Apesar de amar seus filhos, não consegue cuidar deles e por isso, sente uma grande indiferença o que faz com que produza sintomas no corpo que limitam a sua ação.

Seu pai é um homem autoritário e ela acha que ele não a protegeu, na infância, como deveria. A mãe é omissa, completamente assujeitada aos caprichos do marido.

Carla segue à risca o que imagina ser o desejo do seu marido, toma o que pensa ser desejo do Outro como sendo o seu.

A ponta do novelo da sua história começa a se soltar, quando percebe que o fato de não deixar seu marido a sós com a filha adolescente tem o mesmo sentido dela própria não conseguir encostar no seu filho pequeno, e que, tudo isso tem a ver com a falta de proteção paterna vivenciada na infância.

No início, ela chega completamente assujeitada aos caprichos dos outros, no percurso da análise vai se defrontando, pouco a pouco, com seus medos, sua falta, algo que sempre tentou ocultar. Hoje, sua postura mudou. A maternagem lhe causa angústia ainda, mas uma angústia voltada para os cuidados com a prole, a ponto de se posicionar contra o marido sobre questões educacionais. Assim, já pode começar a se defrontar com o seu desejo, tomando certa distância sobre o que os outros (pai, mãe, marido, irmãos) esperam dela.

Essa paciente chegou para a análise completamente amarrada aos significantes familiares. Agora, começa a se

defrontar com os seus significantes, podendo construir uma história mais voltada para seus próprios desejos.

2- Bruna busca uma análise com o objetivo de saber quem é. Está perdida no emaranhado dos significantes de sua mãe e começa a questionar se eles estão corretos. Ela chega com um discurso desencontrado, contraditório, como alguém que não teve uma maternagem. Não entende direito como funciona uma família, qual o papel de cada um na história familiar, desconhece a questão da sexualidade, não tem uma postura na vida, e não sabe o que é ser uma mulher e muito menos o que quer uma mulher.

Apesar dos seus 35 anos, precisamos dar colo a esse sujeito, acolhê-lo para que possa ir, como uma criança, construindo suas teorias.

Conforme sugere Colette Soller⁴ no texto: O desejo do psicanalista - Onde está a diferença precisamos fazer uma psicanálise às avessas, com o propósito de fustigar esse sujeito para que construísse um simbólico mais seu, fazendo-o sair da posição infantil frente ao grande Outro.

Bruna traz um sintoma estruturante, o controle. A todos tenta controlar, seja em casa ou no trabalho, como uma maneira de pisar em terra firme. Chega completamente desestruturada, desarticulada na loucura familiar. Aos poucos, vai nomeando as coisas, compreendendo o que parecia incompreensível e luta para, no caos familiar, colocar uma ordem, a sua. Se antes estava completamente desarrumada, presa à loucura familiar, hoje conseguiu fazer uma pós-graduação e até casar. Na loucura familiar, conseguiu impor a sua ordem, tomar certa distância dos ideais paternos para construir sua própria história.

3- Fernando vem com a tentativa de nomear o que lhe angustia. A sua questão inicial é basicamente em relação à sua vocação.

Seu pai é advogado e sua mãe fisioterapeuta. Dos 6 filhos, 3 escolhem advocacia e 3 fisioterapia. Ele, como sua mãe, escolhe a fisioterapia e trabalha o mais engessado possível sem nenhum amor a essa profissão, porém acreditando ser necessária para lhe assegurar o pão de cada dia. Paralelamente, se envolve com música e vem desenvolvendo, na cidade, um trabalho reconhecido que lhe proporciona prazer e, aos poucos, dinheiro. Mesmo assim, não consegue deixar a fisioterapia, "profissão familiar", para se dedicar com mais afinco à sua própria escolha. Ao contrário, ocupa-se mais e mais como fisioterapeuta na tentativa de ter uma estabilidade maior.

Quando começa a falar sobre essas questões, não suporta a análise e avisa que vai sair porque precisa de mais tempo para assumir uma nova oportunidade de

4 SOLER, Collete. O desejo do psicanalista - Onde está a diferença. Tradução de Sônia Magalhães. Cópia mimeografada

trabalho, lógico que na fisioterapia.

Sem uma análise para ir se livrando da imposição do discurso familiar, com certeza, Fernando continuará a repetir o que imagina ser o desejo de seus pais: ser um profissional liberal, algo que, num primeiro momento, sem dúvida alguma, foi estruturante.

Com esses três extratos de casos, pontuamos a questão da impossibilidade do livre arbítrio para o sujeito. O exercício da liberdade, tão cantado em verso e prosa, é amarrado aos significantes e aos mal-entendidos familiares. Ora, o sujeito os repete sem saber o porquê e nem mesmo perceber e, assim, delinea sua vida para responder ao que imagina ser o desejo do Outro. Livrar-se disso e tornar-se mais senhor do próprio destino é um trabalho duro, árduo, mas que acreditamos possível.

Referências Bibliográficas

- ABREU LIMA, Alba. **Psicologia Jurídica: Lugar de palavras Ausentes**. Aracaju: Evocati, 2007.
- FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 22: R.S.I.** Não publicado.
- LIJINSTENS, Claudia. **Conferência sobre La família in Virtualia** – Revista de La Escuela de La Orientación Lacaniana.
- ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SOLER, Collete. **O desejo do psicanalista - Onde está a diferença**. Tradução de Sônia Magalhães. Cópia mimeografada.

HISTERIA: O CORPO FALA

HORTENCIA ALVES – MEMBRO DO PROJETO FREUDIANO E DA AFCL

hortalves@hotmail.com

As histéricas estão na origem da descoberta freudiana. Os médicos até hoje se defrontam com uma interrogação diante do sintoma conversivo levado pela histérica, já que não consegue identificar uma base, uma origem etiológica ou uma casualidade orgânica no sintoma conversivo. Desta forma, considerando a ausência de um elemento empírico no plano biológico, concluem por vezes, que as histéricas padecem de uma simulação. Quando chegam nos postos de saúde ou pronto-socorro, os médicos dão o nome de DNV (Distúrbio neurovegetativo).

Freud ao acolher as histéricas, percebeu que havia uma certa regularidade na sintomatologia desses sujeitos e, a partir de suas falas, descobre o inconsciente. Em 1895, ele conclui no caso Ana O., que era acompanhado por seu colega Breuer na época, que os sintomas eram formados como “resíduos” de experiências emocionais que foram chamados de “traumas psíquicos”, produzindo seu aforisma: “as histéricas sofrem de reminiscências”¹. Ou seja, seus sintomas são “resíduos” e símbolos de lembranças suprimidas de experiências traumáticas. Outrora Freud supunha que o sintoma afetava o corpo da histérica sem causar nenhum dano biológico, observando que, uma vez alojado, o sintoma pode ser esvaziado do corpo através da fala.

Em 1889, Freud estabelecendo-se em Viena e trata Frau Emmy Von N., paciente com tiques convulsivos,

inibições espasmódicas da fala e repetidas alucinações aterrorizantes com ratos mortos e cobras. Começou o tratamento com o método hipnótico de Breuer, mas a paciente pedia que ele parasse de perguntar de onde veio isso ou aquilo, e a deixasse contar o que tinha a dizer. Concordando com o pedido, surge então a regra fundamental da psicanálise, marcando o início de uma prática psicanalítica, a regra da associação livre. Segundo esta regra, o paciente deve exprimir durante o tratamento tudo que lhe vier à cabeça mesmo que lhe seja desagradável, sem importância ou realmente absurdo. Esta regra permite o aparecimento de representações inconscientes. Representações inconscientes, que, posteriormente, Lacan denominou de significantes².

No caso da Srta. Von R., contudo, quando se pressionava ou beliscava a pele e os músculos hiperalgésicos de suas pernas, seu rosto assumia uma expressão peculiar, que era antes de prazer do que de dor, permitindo a que fizesse uma relação entre corpo e prazer, ou seja, a zona dolorosa é comparável a uma zona sexual. Por isso que, aquilo que deveria encontrar expressão na dor, acaba se manifestando pela satisfação³.

2 Na verdade, Lacan opera um realinhamento nas considerações sobre o conceito de representação, associando a descoberta freudiana aos princípios da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure, por isso a substituição de representação por significante.

3 S. Freud. Estudos sobre Histeria, v II, p. 153-154.

1 S. Freud. Estudos sobre histeria – v II, p. 45

A conversão histérica manifesta um excesso de simbolização⁴, sendo o significante anexado ao corpo a ponto de lhe retirar a função orgânica; é um excesso de sexualização. Os mecanismos dos sintomas histéricos não são derivados diretos das lembranças recalçadas da vida sexual infantil, mas da interposição de fantasias do paciente que, foram construídas a partir das lembranças infantis e com base nelas, os sintomas se instalavam. Estes sintomas são representações convertidas das fantasias, que têm em seu conteúdo uma situação sexual, a linguagem da histérica diz respeito à sua sexualidade recalçada, que não deve ser confundida com a genitalidade, com o conceito de sexual como ato reprodutivo.

Freud atribui ao conflito psíquico inconsciente a principal causa da histeria. As histéricas não sofrem apenas de reminiscências, mas também de fantasias, e os traumas não eram explicação exclusiva sobre a questão da sexualidade. Haveria uma realidade psíquica importante para a história do sujeito.

A neurose histérica passa a ser encarada como um modo de realização do desejo: um desejo sempre insatisfeito. Freud considerava o caso Dora como um exemplo de caso comum de pequena histeria onde ela apresentava as seguintes queixas: dispnéia, tosse nervosa, afonia, enxaqueca, tristeza e insatisfação⁵. Em primeiro lugar o que lhe importava era determinar através da análise, os elementos subjetivos que desempenham um papel causal na neurose: traumas psíquicos, conflitos de afetos e transtornos sexuais.

Segundo ele, Dora aprendera, observando a Sra K, o quanto de proveito podia-se tirar das doenças. O Sr. K passava parte do ano viajando e sempre que voltava encontrava sua mulher adoentada, embora tivesse gozado de saúde no dia anterior. Dora compreendeu que a Sra K adoecia para escapar dos deveres conjugais que tanto detestava. Assim como a Sra K, Dora tivera acessos de tosse e perda de voz que duravam o mesmo tempo em que Sr. K estava ausente. Freud conclui que Dora, com suas doenças, demonstrava o seu amor pelo Sr. K assim como a Sra. K demonstrava seu repúdio⁶.

Freud introduz, com este caso, a chave da histeria, a partir do conceito de “complacência somática” ou “submissão somática”, que é característica particular da histeria, diferenciando-a das outras neuroses, por proporcionar aos processos psíquicos inconscientes uma tradução corporal⁷.

A complacência somática, entretanto, não se reduz à escolha de um determinado órgão do corpo, mas

diz respeito à escolha do próprio corpo como meio de expressão da satisfação pulsional e isso quer dizer que a histérica fala com o seu corpo⁸.

Deve ser entendido como sendo a estrutura da linguagem que recorta o corpo, nada tendo a ver com a anatomia, tratando-se de uma anatomia imaginária, portanto. O sintoma histérico é o que permite fazer laço social, discurso.

Os motivos da neurose começam a atuar na infância sendo, portanto, um dado de estrutura. Trata-se dos mal-entendidos que são jogados nas relações de parentescos através da linguagem. No caso Dora, Freud comenta que, na infância, a menina, por rivalizar-se com os irmãos, para atrair o amor dos pais, percebe que quando adoece desperta a preocupação deles⁹.

O sintoma tem um endereçamento ao Outro e contém uma mensagem a ser decifrada. É importante destacar, sobretudo os motivos subjetivos dos sintomas, tais como o desejo e autopunição, a penitência e o remorso. O trabalho analítico é bem sucedido quando esses motivos são esclarecidos. Entretanto, quando os motivos externos estão em jogo, tal como em Dora, pois se tratava de sensibilizar o pai e afastá-la do Sr K, os êxitos são mais precários.

A histeria não se manifesta apenas como uma neurose, mas também como uma maneira de colocar a problemática da feminilidade. A falta de uma identidade propriamente feminina é experimentada por toda mulher, a menos que atue como fálica na posição masculina, uma posição comum de ser ocupada por algumas mulheres.

Freud se refere à pulsão como aquilo que está no limiar entre o corpo e a mente, permitindo que esta possa trabalhar em sua coligação ao corpo. O trajeto desenhado pela pulsão, desde sua fonte até seu alvo, a rigor, procura apenas uma meta: a satisfação. O corpo na histeria é, então, simultaneamente, a fonte, o objeto e o alvo da pulsão. Para Freud, o corpo é constituído de uma anatomia imaginária, recortada pela sexualidade ou, ainda, constituído por zonas erógenas, “ilhotas de gozo”, donde a pulsão parte em busca de satisfação¹⁰.

Neste sentido, Freud não convoca ao seu discurso o corpo orgânico, mas um corpo que, longe de ser compactado, é um lugar de buracos. As bordas desses buracos é o espaço circunscrito por onde a pulsão circula a procura do objeto pleno de satisfação. Como apenas circula, fracassa, e, por isso mesmo, se instaura na repetição, ou seja, não há plenitude de satisfação, uma vez que a falta é estrutural para o sujeito e o sintoma, aquilo que não cessa de se inscrever no corpo

4 S. Freud. Primeiras publicações psicanalíticas. v. III, p. 56-57.

5 S. Freud. Fragmentos de análise de um caso de histeria. v. VII, p. 42.

6 Idem. p. 43

7 Ibidem. p. 45

8 Ibidem p. 46

9 Ibidem p. 48

10 Ibidem p. 55

da histérica, aparece como forma substituta a esta satisfação impossível.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alba. **Um longo caminho no tratamento. Palestra ministrada no Encontro de Psicossomática**. Aracaju: set. 1998. Material mimeografado.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 150

COTTET, Serge. **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FREUD, Sigmund. **As neuropsicoses de defesa**. (1894). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVI. p. 51-65.

_____. **Estudos sobre a histeria** (1895). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. II, p. 39-296.

_____. **A hereditariedade e a etiologia das neuroses** (1896). v.III, p. 137-148.

_____. **A etiologia da histeria** (1896). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Ibidem. p. 177-203.

_____. **A sexualidade da etiologia das neuroses** (1898). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Ibidem, p. 236-253.

_____. **A sexualidade na etiologia das neuroses** (1898). v. XVI. P. 234-253.

_____. **Fragmentos de análise de um caso de histeria** (1905 [1901]). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VII, p. 12-115.

_____. **O sentido do sintoma** (1917). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVI, p. 305-322.

_____. **Os caminhos da formação dos sintomas** (1917). Ibidem, p. 419-440.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE E SEUS NOVOS E VELHOS DESAFIOS

JÚLIO CÉSAR HOENISCH – MEMBRO DO PROJETO FREUDIANO

julio.hoenisch@gmail.com

A teoria psicanalítica pode ser considerada uma invenção de grandes proporções na cultura ocidental, tendo atingido diversas esferas de conhecimento de maneira muito diversificada. Seu impacto inicial se deu sobre a clínica dos sofrimentos psíquicos, na construção da escuta que Sigmund Freud apresentou para compreender os sintomas neuróticos. Para o mal-estar presente na vida das histéricas vienenses, Freud cria uma nova maneira de compreender o sofrimento, uma nova forma de relação entre duas pessoas, que, de fato, não pertence nem ao campo da psiquiatria da época, nem ao campo da nascente psicologia científica. Isso quer dizer que a Psicanálise é um corpo teórico de conhecimento próprio, não submetido nem a medicina, nem a psicologia (Japiassu, 1998)¹¹.

O cenário cultural do início da prática psicanalítica foi Viena, onde S. Freud viveu a maior parte de sua vida, época em que a histeria era o mal estar daquele tempo, atingindo muitas pessoas, sem que a medicina tradicional nem a psiquiatria fossem capazes de produzir uma resposta adequada sobre esse mal da subjetividade. A histeria desafiava a medicina da época por ser uma patologia que apresentava – e apresenta ainda – prejuízos funcionais ao indivíduo sem dano físico correspondente. Um exemplo disso

seriam as paralisias histéricas, a cegueira, as “dores de cabeça” da histeria, etc, etc. Outra característica que impressionava Freud e seus contemporâneos era que as disfunções da histeria não obedeciam a uma anatomia neurológica, mas uma anatomia imaginária, uma anatomia de como os pacientes fantasiavam seus corpos. Podemos dizer que a Psicanálise como campo de conhecimento nasce da escuta das histéricas, ali onde ninguém julgava possível haver nada além de fingimento ou de suposto distúrbio neurológico, Freud ouve diferentes sentidos.

O interessante é a compreensão de Freud - que servirá de base para sua criação - de que existem sentidos nos sintomas, de forma que eles não são desprovidos de significados, ainda que este significado seja desconhecido ao indivíduo que sofre. Ao produzir essa escuta para além do óbvio, para além das aparências, Freud e sua psicanálise produzem o primeiro modelo de psicoterapia, diferente dos modelos de “tratamento moral” da psiquiatria da época, e das hipóteses organicistas. Constrói-se assim, o primeiro modelo de “psicoterapia” digamos assim (Rey, 2005)¹². É interessante manter “psicoterapia” entre aspas, porque em que pese Freud ter escrito um

11 JAPIASSU, Hilton. *Psicanálise: ciência ou contra-ciência?* 2ª ed, Rio de Janeiro, Imago, 1998.

12 REY, F. G. *Sujeito e Subjetividade*. São Paulo, Ed. Pioneira Thopson, 2005, 2ª Edição.

texto considerando a psicanálise como tal¹³, em sua origem não se coadunaria com a noção contemporânea que temos de psicoterapia. Isso em virtude de que geralmente, as psicoterapias estarem muito preocupadas com a eliminação do sintoma. Ou seja, se o sujeito apresenta um mal estar, uma queixa, o objetivo da psicoterapia seria a eliminação deste mal. No que difere grandemente da psicanálise. Não é interesse da Psicanálise simplesmente suprimir o sintoma, sem se ocupar de sua origem, dado que de seu ponto de vista, este originam-se em conflitos de natureza inconsciente, articulados à estrutura. Inconsciente, nesse sentido, indica haver não somente um conteúdo que estaria “fora da consciência”, mas indicaria também a existência um sistema de representações paralelas ao processo consciente, com suas regras próprias, que fogem a compreensão e domínio do Eu¹⁴. Voltar ao tema de pensar a psicanálise como um corpo teórico afastado das psicoterapias é extremamente relevante no contemporâneo, tendo em vista a proliferação desmedida de fundamentalismos religiosos e terapias de fundo místico. As saídas desta natureza se afastam da psicanálise de maneira significativa, sobretudo por seu despropósito ético.

É natural que o sujeito diante de um sofrimento agudo procure por soluções mágicas, mas não é ético propormos soluções que firam as possibilidades efetivas de retificação subjetiva e melhora. À estas duas correntes devemos incluir uma terceira posição extremamente problemática, que se trata de um certo discurso fundamentalista por parte de alguns segmentos das neurociências, que agora supostamente descobrem pela via dos diagnósticos de neuroimagem, explicações absolutas para o sofrimento humano. Não se trata de uma posição de todos os neurocientistas, mas de um segmento destes, que deseja com suas descobertas abolir a dimensão subjetiva do sujeito, traduzindo-o num feixe de neurotransmissores e neurônios.

É fato que as neurociências contribuem em forte medida na melhora do sujeito diante do sofrimento psíquico e seria obscurantismo intelectual querer negá-lo. Sem o avanço das neurociências, a própria Reforma Psiquiátrica não teria conseguido se solidificar, pois foi com o advento dos neurolépticos que o trato da psicose torna-se viável fora do ambiente manicomial.

O risco ao qual apontamos e ao que a psicanálise – sobretudo a de orientação lacaniana – se opõem é a construção de discursos totalitários, que supostamente viriam abolir as faltas do sujeito, em formato de um discurso messiânico. A psicanálise está alinhada ao registro da ciência, sem contudo pertencer em seu estatuto epistemológico ao reino das ciências naturais, mas não se coloca favorável a construções eventualmente epistemológicas imperialistas, como refere Vasconcelos¹⁵. Isso quer dizer que a própria psicanálise não se converte em uma promessa absoluta de supressão do sofrimento psíquico, mas antes, se propõe como um operador ético conceitual, uma construção passível de críticas, de propor um ato analítico. E a este convite ao analisante, a pessoa que sofre, cabe somente a ele responder. Ou seja, não é ambição da psicanálise se constituir um discurso único e supostamente eficaz a todos os casos e todos os sujeitos.

É da ordem da psicanálise operações éticas calcadas na minuciosa linha entre o geral e o singular, propor a travessia das fantasias de cada um, de seu universo de referência, ou, como disse já alguém, “desconstruir” as certezas ficcionais do sujeito, que sofre muitas vezes por ser um crédulo de si mesmo em excesso. Assim, a invenção freudiana está longe de posições adaptacionistas ou meramente abolidoras do mal-estar. Do mal-estar, propõe Freud, é impossível livrar-se, ele é inerente a condição de ser falante do homem, de seu permanente conflito entre o que ele deseja e o que a cultura interdita. Mas se esta posição conflitiva não pode ser abolida, é possível entretanto, construir um certo saber sobre o sintoma, uma outra posição diante do sofrimento e do mal estar. Talvez, sem as inibições que julgamos tão certas e sem a surdez de nossas convicções, se abra outra modalidade de gozo e posição subjetiva a ser ocupada.

Enfim, resta-nos a reflexão de que a psicanálise trata-se de um saber, constituído em um exercício ético e com o desafio de resistir aos discursos messiânicos, apostando no sujeito e na possibilidade de uma retificação subjetiva, em uma nova construção por parte do analisante junto a seu sintoma. Sem promessas miraculosas, pragmáticas em excesso ou alicerçadas em verdades únicas e absolutas. Alias, é característica do conhecimento científico entender as verdades como provisórias, não dogmáticas e abertas ao novo. Enfim, cabe à psicanálise e ao psicanalista o exercício da escuta e da produção científica de seu ofício como uma resposta não toda sobre o sofrimento, a subjetividade, a morte e a loucura.

Como encontramos subjacente na invenção freudiana e nas reflexões de Jacques Lacan.

13 FREUD, S. Sobre psicoterapia. Madri, Ed. Biblioteca Nueva, Tomo I, 1996.

14 No presente trabalho manteremos a tradução para o português do termos utilizados por Freud no original em alemão e não as versões em latim, presentes na tradução americana e brasileira. Logo, onde se costuma ler “Id, Ego e Superego” leia-se “Isso”, “Eu” e “Supra-eu” (ou Supereu). As diferenças semânticas e conceituais de manter a tradução mais próxima do original não cabem ser discutidas nesse curto espaço de trabalho, mas são extremamente relevantes epistemologicamente.

15 VASCONCELOS, E. M. Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2002.

O DESPERTAR DA REALIDADE: RUPTURAS MATRIMONIAIS E FAMILIARES.

KATARINA ARAGÃO— MEMBRO DOCENTE DO PROJETO FREUDIANO E DA EPFCL

Katarinak1110@hotmail.com

“Ninguém a outro ama, senão que ama o que de si há nele, ou suposto.” (pessoa, 1995:193)

A maioria dos autores que iniciam seus trabalhos sobre amor, casamento ou separação buscam introduzir o mito da origem do homem, relatado por Aristófanes em *O Banquete*. “A imagem do homem criado pelos deuses como ser andrógino, circular e auto-suficiente presta-se maravilhosamente à nossa aspiração de plenitude e independência total. Da mesma forma, o castigo imposto a esses seres pelos deuses que os separam em duas metades complementares não poderia nos oferecer melhor imagem daquilo que em nós representa a busca pelo complemento, pela parte que nos falta, pela nossa cara-metade, a qual durante os conflitos e a separação transforma-se quase sempre numa metade tão cara, tão dispendiosa!

Conforme o mito, essa metade é tão dispendiosa devido ao amor que se origina entre as criaturas; e esse amor tende a recompor a antiga natureza enquanto procura fazer de dois um só e, assim restaurar a antiga perfeição. “Cada um de nós é a metade da senha de um homem, pois todos fomos divididos em dois, à semelhança do linguado: de um fizeram dois. E, por isso, cada um busca sua metade correspondente.” (ARISTÓFANES, 430-388 a. C.)

A contemporaneidade remete-nos à história do mito, quando os laços familiares são rompidos e a família dissolve um pacto no nível de estrutura. Daí surge o divórcio, algo tão conflitivo e, por isso, protelado pelos casais, porque afeta os alicerces da base estrutural.

“No momento em que a psicanálise entrou em seu segundo século, as suas influências já marcaram o mundo com a demonstração da existência e considerações sobre o inconsciente. A partir de Freud, de Lacan e do estruturalismo de Levi Strauss, pôde-se aprofundar o conceito de organização familiar.” (PEREIRA, 1999:166)

Segundo DOLTO (1989:125), “quando há o divórcio, a criança ouve falar nos direitos que a lei confere aos pais.” Quem nunca ouviu comentários a respeito de um dos cônjuges que, após o litígio, refere-se ao filho da seguinte forma: “Eu é quem tenho direitos sobre ele”, mostrando literalmente a quebra dos papéis que se constroem em uma família.

Para entender o discurso desestruturante da família numa situação de litígio, ARAGÃO (2000) afirma que,

com o advento da psicanálise, o sujeito humano toma uma significação mais abrangente, compreendendo não somente o que o sujeito diz, mas também o que está latente em seu discurso, - o Inconsciente. Também as histórias familiares têm várias versões a serem analisadas. E por conta destas diferentes possibilidades que o objetivo principal é perceber o significado do discurso, não do qual é melhor, mas, sim, do que seria suportável.

É o conflito que modula as relações entre os parceiros, pois cada um se engaja de maneira diferente no espaço conjugal. Não raro, durante a passagem da situação de amor ao desamor, na perspectiva do conflito, os segredos e as percepções equivocadas tornam-se transparentes de tal modo que há um reencontro, embora delicado, podendo conduzir à retomada do objeto amoroso. É justamente a retomada do objeto amoroso que permite uma reflexão acerca das expectativas elaboradas pelo casal para manutenção do projeto de vida.

ABREU (1998) a partir do conflito, que diz respeito à própria relação, ressalta a importância do tratamento da informação. Para alguns, há uma descoberta surpreendente de que falar do mal é possível. É quando a palavra tem sua chance! É a esta palavra que chamamos aqui de informação. E é esta palavra que merece tratamento.

No mundo atual, principalmente, que se denomina como o da eficiência, da obrigação de ser criativo, otimista, persuasivo, produtivo, a vitória é a meta e não existe o tempo para vacilação subjetiva, pois o tempo das decisões tem que ser breve. Este é o retrato das cobranças da vida moderna. A dúvida é encarada como fraqueza e insegurança, é vista, pois, com o rótulo de fracasso. Os bem sucedidos não devem sentir angústia nem fazer “tempestade em copo d’água” no trabalho ou na vida pessoal. Não há espaço para a reflexão, porque se busca hoje a resposta exata. O objetivo é dar conta de tudo para que nada falte.

FREUD (1974) postulou haver um mal-estar intrínseco à civilização em função da impossibilidade da satisfação pulsional. Pode-se dizer que o consumo é, hoje, um sintoma social para escamotear este mal-estar. Aprendemos desde criança que consumir é necessário, somos coagidos a fazê-lo. A busca frenética por pequenos objetos ou supostos prazeres visa evitar a angústia do encontro com os limites humanos.

Nessa mesma perspectiva, tem-se a reflexão abaixo que revela que o ritmo acelerado das mudanças sociais traz, conseqüentemente, a convivência de modelos antiquados de vida simultaneamente aos considerados atuais, à medida que os intervalos de tempo são insuficientes para promover as alterações desses modelos. "No Brasil, convivem o moderno com o arcaico, um arcaico que não desapareceu totalmente com as transformações que sofremos, e que se mantém ativo apesar de freqüentemente invisível para todos nós." (FIGUEIRA, 1986:7)

O ser humano busca o novo na tentativa de tamponar/ encobrir/ velar a falta. FREUD (1970) iguala esta falta à idéia de castração, como um princípio que marca a falta. Sendo assim, todas as colocações sobre o desejo, que nunca pode ser totalmente satisfeito, porque estruturado em uma ausência, mostra como a significação que o filho pode ter de si e dos outros se organiza a partir de suas relações com as figuras parentais ou, no sentido mais amplo, com o outro: "a criança é o desejo dos pais".

MANNONI (1971) aponta que todas as etapas do desenvolvimento marcam a vida da criança. Não é só a maneira como é esperada antes de seu nascimento, mas também pelo que vai em seguida representar para cada um dos pais em função de suas respectivas histórias.

A partir do momento em que o amor e a conjugalidade chegaram ao final, bem como o desejo acabou, a separação, embora dolorosa, faz-se sem ódio e sem brigas. Mesmo assim, há sempre uma sensação de perda, pois novamente o ser humano depara-se com o seu inexorável vazio. Entretanto, não há alternativas contra isto, visto que as pessoas são seres de falta e sempre faltará algo nelas.

PEREIRA (1997) comenta que o litígio conjugal, além de ser um sintoma de que algo está para ser resolvido entre o casal, é uma tentativa de não perder nada, já que as partes envolvidas neste processo buscam interminavelmente algo que supra o vazio, o qual durante anos de convivência não conseguiram preencher. Fala ainda de suas experiências profissionais, nas quais seus clientes dizem: "só quero meus direitos!" Esse discurso denuncia que eles sempre têm a sensação de que estão perdendo algo e transferem ou localizam esta perda para o valor da pensão alimentícia, para a discussão da guarda dos filhos, para o patrimônio, etc.

Cada um quer ser indenizado pelo "prejuízo" sofrido em nome do amor que acabou e, assim, o dinheiro torna-se pleno de significações simbólicas. Transforma-se em prêmio e castigo que as pessoas feridas não hesitam em usar para extravasarem às

suas mais inconfessáveis emoções.

Ainda segundo o autor, é justamente no momento em que se troca o objetivo ou a objetividade da falta que se instala a questão do litígio para que umas das partes saia vitoriosa, como se houvesse um perdedor e um ganhador. Ambos querem ganhar o máximo possível, como se pudessem tamponar a inevitável perda da separação.

E o que se percebe, na prática, é que estes litígios somam muitas vezes os problemas particulares que os ex-cônjuges não conseguiram elaborar aos da separação. Então, chegam ao judiciário com uma construção litigiosa imaginária, muito bem estabelecida, na qual, em geral, os filhos estão como objetos de disputa, sendo que a preocupação com seu bem-estar fica em segundo plano. Conforme analisa JUNIOR (1998), se os filhos estão mal, a culpa é sempre do outro. As crianças e os adolescentes envolvidos transformam-se em objetos de ataque e defesa que não são senão uma forma sintomática de lidar com a perda narcísica implícita na desilusão amorosa.

Percebe-se que, ao se apaixonarem, as pessoas sentem ter encontrado a parte que lhes faltava e, ao encontrá-la, supostamente, nada mais fazem do que projetar sobre o outro sua própria imagem ou a imagem de seu ideal; cada um inventa o outro e, nesse momento, agiganta as qualidades e ignora os defeitos.

Referências Bibliográficas:

- ARISTÓFANES. *Diálogos de Platão*. In: *Coleção os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 18v.
- ARAGÃO, Katarina. *Algumas considerações na escuta do sujeito na instituição*. Sergipe: 2000.
- DOLTO, Françoise. *Quando os pais se separam*. Rio de Janeiro: J.Z.E, 1989.
- FREUD, Sigmund. (1912). *Totem e Tabu*. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1991, v. XIII, p 13 - 86.
- LIMA, Alba. *A Pércia psicológica e os impasses dos novos laços familiares*. São Paulo: 2000.
- PEREIRA, Rodrigo. *Direito de família: Uma abordagem psicanalítica*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.



ÉTICA E FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

TEREZA CRISTINA ROLLEMBERG — MEMBRO DOCENTE DO PROJETO FREUDIANO E DA EPFCL
 terezarollemberg@ig.com.br

A transmissão, o ensino e a pesquisa em psicanálise são propostas que fazem do Projeto Freudiano sua existência. Acreditamos na responsabilidade de transmitir, sempre que possível, a ética implicada na formação do analista por ser de extrema importância na prática clínica dos praticantes da psicanálise.

Qual seriam as razões de tal importância? Para responder, recorri a Freud, fundador da Psicanálise e a Alba Abreu, psicanalista-docente e fundadora do Projeto Freudiano.

Abreu, em seu curso sobre a ética e a técnica da psicanálise no Projeto Freudiano, aborda o conceito da ética desde os gregos, como Ethos designando a “morada humana” como algo que não está lá desde sempre, mas que pode e deve ser construído. Nesse sentido, a ética significa o que ajuda a tornar melhor o mundo em que vivemos, uma morada saudável. A partir daí, ela considera que a ética é uma característica inerente a toda ação humana e, por esta razão, elemento inevitável nas relações humanas. Por outro lado, a ética não se confunde com a moral, que seria a regulação dos valores e comportamentos considerados legítimos por uma determinada sociedade. Diferentemente da ética filosófica, marcada por um sistema de doutrinas morais ou da lei que ordena as normas sociais, a ética da psicanálise vai além, pois conduz ao discurso do analista, laço social que trata do sujeito do desejo.

A clínica psicanalítica foi inaugurada quando Freud demonstrou no trabalho com as histéricas uma estrutura do sujeito do inconsciente e isso se torna um paradoxo com o que foi originalmente concebido na filosofia, que o sujeito não poderia ser “inconsciente”.

No “Mal Estar da Civilização”, Freud diz que o sofrimento humano mais penoso é o de se relacionar com os outros. Respondendo desde esse sofrimento, o neurótico cria satisfações substitutivas, seus sintomas.

No ano de 1926, Freud já considerava em “A Questão da Análise Leiga”, sua preocupação com os praticantes da psicanálise, independente de serem médicos ou psicólogos:

“Exigimos que todo aquele que quiser praticar a análise em outras pessoas se submeta ele próprio a uma análise... O preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples: o trabalho é árduo, grande a responsabilidade. Mas qualquer um que tenha passado por um curso de instrução

dessa natureza, que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a psicologia do inconsciente, que esteja familiarizado com a ciência da vida sexual, que tenha aprendido a delicada técnica de psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência, qualquer um que tenha realizado tudo isso não é mais um leigo no campo da psicanálise. Ele é capaz de empreender o tratamento de perturbações neuróticas e ainda poderá com o tempo alcançar nesse campo o que quer que se possa exigir dessa forma de terapia.”

A formação psicanalítica, distintamente de uma formação acadêmica, se constitui assim por Freud como um tripé:

- Análise pessoal para se responsabilizar no domínio de seus próprios processos inconscientes;
- Estudo para se familiarizar com a “ciência da vida sexual” e
- Supervisão, para submeter ao colega suas hipóteses diagnósticas.

A ética da psicanálise, que é a ética do sujeito do inconsciente, deve ser levada sempre em consideração pelo analista em sua ação e para que uma clínica psicanalítica se faça presente verdadeiramente, é preciso que o analista tome consciência da dimensão de sua responsabilidade ética.

É nisso que apostamos!

Referências de bibliografia:

- ABREU, Alba. Aula no Curso de Fundamentos Básicos da Psicanálise, Unidade II, **A ética e a técnica da psicanálise**, 2001.
- FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise** (1912). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XII
- FREUD, Sigmund. **A questão da análise leiga** (1926). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1896). Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVI

FAMÍLIA E INCONSCIENTE II

JÚLIO CÉSAR HOENISCH – MEMBRO DO PROJETO FREUDIANO

julio.hoenisch@gmail.com

STYLUS: revista de psicanálise, n. 16, maio de 2008. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

O segundo número dedicado ao tema família e inconsciente trás um conjunto de textos interessantes para o estudo avançado do “corpus” teórico e prático da invenção freudiana.

No primeiro texto, de Salinas-Rosés, encontramos uma revisão da construção dos conceitos da transferência em Freud, destacando-se as pontuações construídas por Lacan em seu ensino. Para além da miríade da imagem e do já sabido afeto presente no fenômeno, fruto do dispositivo clínico em movimento, o autor pontua a temática da resistência. A originalidade está em não esquecer que o inconsciente não resiste, mas ambiciona a consciência e que somente o eu é sede das resistências, mas o resistir mais eloqüente se trata do resistir do analista, quando este escapa de sua função e corre o risco de resistir a partir de seu eu. Ou seja, um deslizamento da posição de objeto que é a posição, a rigor, do analista.

Na esteira das reflexões empreendidas, Gabriel Lombardi ao se referir ao Nome-do-Pai, do nome próprio e da nomeação, esclarece que a psicanálise explica à ciência não ser o nome do pai, o do genitor, bem como fornece uma explicação fundamental por que também o Nome-do-Pai não deve ser deixado a deriva de outras formas de conhecimento. A dimensão discutida pelo autor refere aos desafios da psicanálise não se abster de discutir o Nome-do-pai e sua suposta dissolução, mas propor a via inversa, a construção da ampliação do entendimento desta organização estruturante da subjetividade e seus impasses com o nome próprio. Do encontro fracassado ou não com o Nome-do-pai resultam as estruturas clínicas e seus estilos próprios de fazer sintoma, portanto, uma temática crucial permanente para o saber analítico.

Vera Pollo invoca um dos ícones da literatura japonesa, Yukio Mishima, para discorrer sobre a reverberação da familiaridade e do estranhamento do conceito de supereu na obra freudiana. De maneira lúcida e elegante, resiste em tomar a obra como reflexo do autor, evita a simplificação de que a obra reflete de maneira mecânica a vida do autor, o que se torna brilhante nesse trabalho, tendo em vista que a autora usa-se da auto-biografia de Mishima. Em sua breve revisão sobre o conceito de supereu na obra freudiana, Pollo coloca a perplexidade do pai da psicanálise sobre este conceito. No conjunto da reflexão, percebe-se claramente o quanto a produção intelectual freudiana é aberta, não dogmática e ainda aguarda respostas a serem produzidas.

Dentre os pontos mais interessantes do artigo, a autora coloca que a rigidez do supereu não deve ser confundida com a experiência de severidade dos pais imaginários, mas sim com a violência com que o sujeito teve de rejeitar os desejos incestuosos e parricidas na travessia edípica. Portanto, trata-se de uma metáfora constituída a partir das violências investidas, tanto contra o objeto de desejo e ódio, quanto para se inibir as ações do amor e do ódio. Nestas querelas de amor e ódio, Pollo discorre sobre pontos interessantes da trama familiar de Mishima, o lugar do desejo nesta família, seus encontros e desencontros com o amor.

Em continuidade com a complexa reflexão sobre o Nome-do-Pai, que em verdade é um vetor que atravessa todos os artigos da revista - e nem poderia ser diferente - Soler retoma a função do Nome-do-Pai e sua relação com o furo, insolúvel, porque fundante e articulado ao laço social. Em sua reflexão intelectual retoma ainda a desconstrução falaciosa de que na psicanálise trata da família parental “concreta”. Na medida em que refere ser o nome do pai que funda a

família, portanto uma operação simbólica, estará em lugares diversos os signos para representar esta função e fazê-la operar, com ou sem um homem.

Em torno dos furos da família também discorre Zilda Machado, desvelando de qual família se ocupa a psicanálise e a ontologia do sujeito freudiano. A autora afasta a família de seu suporte imaginário (a saber, antológico, sociológico, etc), convocando o leitor a uma retomada da família como operação simbólica, do laço inconsciente e dos destinos a serem construídos pelo ser falante.

Bábara Guatimosim evoca a questão da filiação tendo como mote a "família" lacaniana e as reviravoltas que o próprio Lacan teve de enfrentar em torno das instituições de formação analítica, tema sempre interessante de ter-se presente. O tema da legitimidade e da bastardia é tomado como reflexões de trabalho, apontando pontos para pensar a constitutividade semântica, os lugares enunciativos e as invenções particulares para a construção de saídas e manutenção da existência.

Em comum com as colocações de Pollo sobre sintoma, laço, amor e ódio, Nominé vem esgarçar um pouco mais o tecido das reflexões teóricas da publicação. As construções de Nominé se aventuram pela temática do amor, da máscara e da falácia amorosa de maneira cativante e problematizada, propondo o amor como um novo discurso, um laço social específico, realizando uma crítica a supostas novas modalidades do amor na modernidade, com seus impulsos digitais e SMS. Todavia, mesmo para um suposto sujeito pós-moderno, o homem e a mulher não amam da mesma maneira; de tal forma que o autor trata dos amores sob diferentes posições estruturais na diferença dos sexos e aponta saídas para o amor além dos sexos biológicos.

Do biológico ao simbólico, Lenita Pacheco traz sua contribuição para a questão da filiação e da "guarda" dos filhos nas separações. Interroga-se a transição do sujeito da linhagem desde seu nascimento simbólico até sua inscrição em forma jurídica. Mas para além das normas jurídicas e

das ações legais, o lugar do filho é um lugar de sujeito e, dessa forma, trata a questão trazendo vinhetas de casos clínicos com os quais evidencia as saídas para o sujeito ou criança-sintoma, que, diante da escolha impossível entre o pai e mãe (escolha não no sentido edípico), se vê obrigada a produzir mais sintoma.

E por fim, mas não menos interessante, a entrevista realizada por Andrea Brunetto, tendo por entrevistado Manel Rebollo, diretor de Estudos do Seminário de Psicanálise de Tarragona. A entrevista tem como eixo central e ponto *princeps* a questão da difusão de terapias voltadas para abolição do sintoma e a prescrição de fármacos de maneira sistemática e preventiva. Ou seja, a entrevista põe a nu o complexo jogo de forças, políticas e dispositivos institucionais que tanto servem para o contexto europeu quanto para nossa realidade brasileira e sergipana. Em que pese, como se pode observar na entrevista, a grande difusão da psicanálise na cultura espanhola, parece haver um embate mais agudo entre a escuta do sujeito e os dados estatísticos produzidos por determinadas teorias. Ainda, junto à entrevista, é possível vislumbrar as nuances de formação aberta através dos diferentes grupos e formas de ler a psicanálise e o lacanismo, que se revelam extremamente interessantes como ponto de indagação sobre os destinos da formação, as posições políticas e as estratégias - presentes e futuras - para a organização da manutenção da clínica e saberes psicanalíticos, independente das categorias espaço e tempo.



POR ANA CLAUDIA SILVEIRA COM ANDRÉA BRUNETTO (AME DA EPFCL-BRASIL)

P.F. No APOENA (Boletim do FCL - MS) você escreveu sobre os 10 anos do Campo Lacaniano em 2008 e ressalta a alegria dessa fundação. Você poderia nos falar um pouco desse percurso no Brasil?

A.B. Em 1998, após a crise com a AMP, em Barcelona, deflagra-se o movimento dos fóruns psicanalíticos, unidos pelo significante Campo Lacaniano. Propunham-se como espaços abertos para discussão da psicanálise e estudo dos textos institucionais de Lacan e, sobretudo, teorização sobre a formação do psicanalista, a Escola e o passe. E ainda hoje mantém esta meta, tanto que na Carta dos Princípios da IF está descrito porque eles nasceram – “de uma exigência quanto às condições da manutenção do discurso analítico” – e qual seu objetivo: “contribuir para a presença e a manutenção dos desafios do discurso analítico nas conjunturas do século”.

Estamos em um momento bom, em que vários fóruns foram criados nos últimos anos. O do Mato Grosso do Sul, inclusive. Cada fórum tem seu trabalho específico mas todos orientados pela vertente da Carta de Princípios da Internacional dos Fóruns.

Além da IF e da EPFCL, temos os institutos locais ligados ao Campo Lacaniano. Em Campo Grande temos o Ágora Instituto Lacaniano. Muitos se designam Formações Clínicas do Campo Lacaniano-tal lugar. Em Aracaju é o Projeto Freudiano; na Bahia Campo Psicanalítico. Em Barcelona, ACCEP, na França Colégios Clínicos. Na Espanha, em muitos lugares, também se usa Colégio Clínico.

O Instituto organiza cursos, seminários, pesquisas e dele participam muitas pessoas que não têm o desejo de se engajarem em um movimento como o dos fóruns e, menos ainda, se tornarem psicanalistas. Mas desejam estudar psicanálise. Pelo menos a priori é assim. Digo isso, porque no começo de um caminho não sabemos bem aonde ele vai dar ao final. O desejo de ser psicanalista não é o desejo do analista e o efeito psicanalítico pode surgir do inesperado. Posso dizer isso de um jeito bem mais bonito, citando Lacan: “São os acasos que nos atiram à direita e à esquerda e é com eles que fazemos –

porque somos nós que o tecemos como tal – o nosso destino. Com eles fazemos o nosso destino porque falamos.”¹

A denúncia da complexidade dessas instâncias é feita por vários: franceses, espanhóis, brasileiros também. Porém cada país, ou mesmo podemos dizer, cada local, tem seus problemas.

Talvez um dos problemas de nosso campo envolva estas imensas distâncias brasileiras: encontramos menos que o necessário e, também, não temos tantas publicações como nossos colegas europeus. É o que consigo pensar de nossas faltas, no momento. Mas temos um trabalho enorme a ser feito, pois temos apenas dez anos de Campo.

P.F. No último encontro internacional da Escola, ocorrido em São Paulo, foram discutidas mudanças relativas a necessidade de ajuste ao decorrer destes 10 anos. Qual sua opinião a respeito desse período de transição?

A.B. Já estava prevista uma reformulação nos estatutos. Acontece que havia divergências e conflitos de interesses, alguns queriam a legalização da Escola, outros não. Houve uma proposta francesa de legalização em que haveria uma mediação internacional nos fóruns. Isso foi recusado praticamente por unanimidade. Os brasileiros não aceitaram a proposta de legalização, pois no Brasil a AFCL cumpre as funções legais da Escola. Enfim, resolvemos na posição democrática eleitoral. Ainda que tenha seus limites, ainda é a melhor.

P.F. Em 2007 você participou das jornadas nacional do Campo Lacaniano da Espanha e fez uma entrevista com Manel Rebollo para a Revista Stylus sobre a situação da Psicanálise na Espanha, qual a semelhança no Brasil, quanto a credibilidade dada a psicanálise?

A.B. Acho que vivemos situações parecidas e diferente em um aspecto. A denúncia que Rebollo faz dos efeitos do capitalismo nos serviços de Saúde Mental do país, através da indução a residências em

¹ Lacan. Joyce, o sintoma. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989

Psicologia Comportamental Cognitiva, tratamentos rápidos, mesmo que à custa de recidivas, é o mesmo que vivemos aqui. Acho que até os efeitos lá, na Europa, são mais gritantes. Talvez questão de tempo. Mas a diferença que vejo é que no Brasil a psicanálise tem grande espaço nas Universidades, e lá não. Mas fiquei impressionada com a capacidade de trabalho e as inúmeras publicações que os espanhóis têm. Cada fórum e instituto tem publicado seus seminários, tem sua revista. No ano tal estudaram tal tema, então isso virou um livro, cada jornada virou um livro etc. Acho a publicação extremamente importante. Devíamos publicar mais.

P.F. No texto APOENA você fala também a respeito do tempo no mundo atual, onde “o tempo é dinheiro”, “esperar é vergonhoso” e “a psicanálise demorar bastante”. Em sua opinião como você ver a psicanálise hoje nesse mundo aonde as pessoas acham o tempo tão precioso, que às vezes fazem tantas coisas que pensam ser máquinas e esquecem que são humanos?

A.B. Assim Lacan diz em Radiofonia: é necessário tempo. Vivemos em um mundo em que tudo tem de vir rápido, opta-se por tratamentos mais rápidos, breves, em que “tempo é dinheiro” e a psicanálise demora bastante. E vou retomar a carta que Freud envia a Romain Rolland: mais importante que os avanços tecnológicos é o amor. Continua sendo vital para a raça humana. Acho que isso vale para 1926, quando Freud a escreveu, e vale agora (talvez mais ainda agora?). E criar laços amorosos também demanda tempo. Então, creio que se os sujeitos pensam que são máquinas a produzir a mais-valia, o real se intromete e mostra seus fracassos. É exatamente por isso que o sujeito continua a existir, por esse fracasso. Tal como a psicanálise. Não temos que triunfar. Lembro agora de Manoel de Barros, nosso poeta maior, aqui do Pantanal, que diz que coisas desnecessárias e desimportantes servem bem a poesia. Acho que a psicanálise pode colocar-se mais ao lado da arte – esse é um legado de Freud e Lacan, que o fizeram muito bem. E colocar-se ao lado da arte é falar das coisas subjetivas, desinteressantes à maioria, mas não ao psicanalista. Um resto de representação, lembranças, uma palavra, mas sobretudo, um vazio, uma hiância, uma dúvida, o limbo do inconsciente, como Lacan diz no Seminário

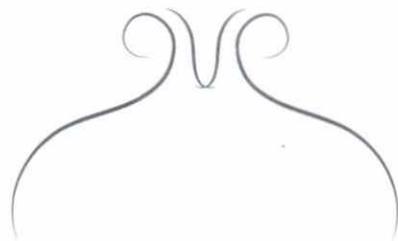
11. A psicanálise é feita disso e não do triunfo.

P.F. Você vem a Aracaju falar sobre seu livro que aborda o problema da educação. Você acha que hoje os pais já não sabem mais educar os filhos?

A.B. Não acho não. A memória falseia nossa avaliação: tendemos sempre a achar que o tempo atual é o pior. E não quero ficar saudosista da época em que o pai tinha poder e dizer que, agora, vivemos no declínio da função paterna. Não acredito que seja assim. E dizer isso se apoiando em Lacan, lendo errado a teoria lacaniana, é pior ainda.

Educar sempre teve seu quinhão de impossível – é por isso que Freud a colocou com o governo e a psicanálise – os limites de hoje podem não ser os mesmos do passado, mas limites na educação sempre houve. Estava lendo uma entrevista há duas semanas nas páginas amarelas da Veja e o entrevistado era um especialista americano em educação, daqueles que medem tudo, tudo é transformado em estatísticas. E ele dizia que entendia que alguns alunos aprendiam mais se tinham bom relacionamento com o professor. E isso era independente do quanto de cursos o professor tinha feito – não estou dizendo que os professores não devam estudar, veja bem – o importante era algo que o professor passava no relacionamento. Parece que os americanos ainda não descobriram que a transferência é imprescindível para a transmissão. E que, mais do que conhecimento, o que se transmite é a partir de um desejo.

E desse modo, se aquele que ensina puder transmitir um desejo que não seja anônimo, cumpriu seu papel. E muitos cumprem.





EPFCL - LE CHAMP LACANIEN ET LE PSYCHANALYSTE

Journées de l'EPFCL 22 et 23 Novembre 2008

Maison de la Chimie - Paris

**VII JORNADA DO FÓRUM FORTALEZA
OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE**

Dias 12 e 13 de dezembro de 2008

Local: Faculdade Farias Brito – Fortaleza – Ceará

Informações: EPFCL – Fórum Fortaleza

Rua Leonardo Mota, 1394/103

Fones: 3257-4494 / 9983-7373

JORNADAS DEL COL.LEGI DE CLÍNICA PSICOANALÍTICA DE VALENCIA

Valencia, 23 de mayo de 2009

El reverso de la vida contemporánea: Actualidad del Psicoanálisis

**JORNADAS DE LAS FORMACIONES CLINICAS DEL CAMPO LACANIANO en
ESPAÑA**

Madrid, 13 de junio de 2009

La dirección de la cura y los discursos



AS ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE, PSICOSE E PERVERSÃO

Coordenação: Tereza Cristina Rollemberg

Horário: sextas, semanal, às 14:30h

SEMINÁRIO: OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE

Coordenação: Ana Claudia Silveira

Horário: sábados, semanal, às 9:30h

SEMINÁRIO: A HISTERIA EM FREUD

Coordenação: Hortência Alves

Horário: segundas, semanal, às 16h

REUNIÃO CLÍNICA

Coordenação: Daniela Sobral

*Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo
Lacaniano - Fórum Aracaju*

SEMINÁRIO DE ESCOLA: OS MISTÉRIOS DO CORPO FALANTE

Coordenação: Alba Abreu Lima (AME da Escola)

Horário: Terças, semanal, às 14:30h.

EDITORIAL	3
Alba Abreu Lima (AME da EPFCL* – SE)	
ARTIGOS	
• Contribuições da escuta psicanalítica na UTI neonatal.....	4
Daniela Sobral (Membro da EPFCL – SE)	
• O sujeito e a ilusão do livre arbítrio.....	5
Heloisa Prudente (Membro da EPFCL – SE)	
• Histeria: o corpo fala.....	7
Hortência Alves Melo (Membro do Projeto Freudiano – SE)	
• Algumas reflexões sobre a psicanálise e seus novos e velhos desafios.....	9
Júlio César Hoenisch (Membro do Projeto Freudiano - SE)	
• O despertar da realidade: rupturas matrimoniais e familiares.....	11
Katarina Aragão (Membro da EPFCL – SE)	
FORMAÇÃO DO PSICANALISTA	
• Ética e Formação do Psicanalista.....	13
Tereza Cristina Rollemberg (Membro da EPFCL - SE)	
RESENHA	
• Revista Stylus – nº 15 – EPFCL/Brasil - Família e Inconsciente II.....	14
Julio César Hoenisch (Membro do Projeto Freudiano - SE)	
ENTREVISTA	16
Andréa Brunetto (AME da EPFCL - MS)	
EVENTOS DO CAMPO LACANIANO NO MUNDO	18
ATIVIDADES DO PROJETO FREUDIANO - 2009	19

*Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

EXPEDIENTE

Conselho Editorial
Alba Abreu Lima
Júlio César Hoenisch
Márcia Regina Polido

Tiragem: 2000 exemplares

Colaborou neste número:
Eliana de Jesus Menezes

Fotolito e Impressão
Info Graphic's
Projeto Gráfico
Gian carlos